

MODOS DE FAZER DA PESQUISA ACADÊMICA: DESCRIÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA EM ANÁLISE DE MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ITALIANA

SILVA, Jefferson Evaristo do Nascimento (UFRJ/CNPq/IFF)

I. Introdução

Realizar pesquisas acadêmicas é, sem dúvidas, uma tarefa complexa, exaustiva e, por vezes, misteriosa – no sentido de não haver, efetivamente, uma preparação prévia para tal atividade.

Entretanto, espera-se de um pesquisador em nível de pós-graduação que ele realize uma pesquisa. Mais do que isso: espera-se que essa pesquisa seja relevante, bem estruturada, condizente com outras pesquisas da área e, comumente, que ela traga algum avanço ou inovação para o estado da arte sobre o tema. Dito de outro modo, espera-se uma “boa pesquisa”. De fato, é a partir das pesquisas acadêmico-científicas – e, em certa parte, da docência e aplicação dessas pesquisas – que o conhecimento científico aumenta, fazendo com que se possa avançar no campo teórico daquela disciplina. “*Sendo assim, a relevância da pesquisa está na capacidade de fazer avançar o conhecimento científico*” (SIQUEIRA et alli, 2008, p. 17).

No presente texto, temos o objetivo de demonstrar as etapas e caminhos percorridos para a realização de uma pesquisa de mestrado, defendida no Programa de Letras Neolatinas (doravante PPGLN) da UFRJ, no ano de 2016. Para tanto, especificaremos algumas das escolhas, decisões, ações e procedimentos que foram adotados para a sua efetivação.

Ora, se entendemos que “*a pesquisa faz parte do processo educativo*” (SIQUEIRA et alli, 2008, p. 16) e que “*o pesquisador só tem oportunidade de fazê-la à medida que compreende e domina uma série de técnicas e de conhecimentos*” (SIQUEIRA et alli, 2008, p. 17), então entendemos a justificativa para que tal trabalho seja realizado. Longe de buscar oferecer uma receita, um caminho único para a pesquisa, nossa intenção aqui é a de demonstrar uma possível forma de efetuar-la, dentro de uma (quase) infinita gama de possibilidades. Nossa tarefa não se pretende, portanto, exaustiva.

Para efeitos didáticos, dividiremos o texto nas seguintes partes: (i) uma introdução ao tema

tratado; (ii) uma breve explicação acerca da motivação da pesquisa, contextualizando-a; (iii) uma descrição dos procedimentos adotados; (iv) uma pequena exemplificação de como realizar uma análise a partir da metodologia adotada e (v) algumas considerações finais para a discussão.

2. Sobre a motivação da pesquisa

A pesquisa que motivou a discussão que ora fazemos intitulou-se “*Análise e crítica de livros didáticos de língua italiana como língua estrangeira: método, metodologia e abordagem comunicativa em perspectiva*”. Defendida no PPGLN da UFRJ, a discussão girava em torno, primordialmente, da seguinte pergunta: como os materiais didáticos, que se autodeclaravam elaborados a partir da chamada Abordagem Comunicativa (ALVES, 2014; MARTINEZ, 2009; ALMEIDA FILHO, 2007; RICHARDS, 2006; KUMARAVADIVELU, 2006), efetivavam as suas atividades. A indagação surgiu a partir da utilização dos materiais, com a consequente percepção de que eles “diziam fazer uma coisa, mas faziam outra”. Em outras palavras: os livros didáticos (doravante LD) afirmavam ser elaborados de acordo com os pressupostos da Abordagem Comunicativa, mas, ao analisarmos as suas atividades, percebíamos que havia algo incoerente na proposta.

Assim, observando e utilizando os livros *Chiaro A1*, *Domani 1* e *Nuovo Espresso 1* – corpus da pesquisa –, ficava evidente que existiam incoerências teórico-metodológicas que mereciam uma investigação mais aprofundada.

Portanto, a observação teórica que nos motivou a essa pesquisa veio da prática que temos, enquanto docentes de língua italiana, de utilização dos materiais do corpus dessa pesquisa. Atuamos como professores desde 2009, quer em cursos livres, aulas particulares, representações governamentais e projetos de iniciação à docência em faculdades públicas do Estado do Rio de Janeiro. Possuímos, assim, experiência didática com os três LD que compõem nosso corpus, em situações e contextos diferenciados, o que nos permitiu abordá-los e confrontá-los sob diferentes prismas e locais de observação. A experiência acumulada com o uso desses materiais foi o que nos impeliu a querer investigá-lo teoricamente.

Ao mesmo tempo, ao passo em que éramos/somos “professores” que se utilizavam dos materiais de corpus apresentados, éramos/somos também os “pesquisadores” que investigam cientificamente esse mesmo corpus de pesquisa. Éramos/somos, por assim dizer, “professores pesquisadores”. Isso se dá porque

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar a sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46)

Assim, explicitamos a outra metade da motivação dessa pesquisa, que se deu, efetivamente, a partir da ação docente e da utilização dos livros didáticos que foram analisados e criticados. Se de um lado tivemos uma motivação “teórica”, de outro tivemos uma “motivação prática”, igualmente relevante e desafiadora. As duas motivações foram as que, juntas, possibilitaram que o germe inicial

da ideia de pesquisa se desenvolvesse para se tornar, posteriormente, uma investigação científica estruturada e pertinente à área em que se encontra. Essa foi, por assim dizer, a “fase decisória” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 73) da pesquisa

3. Descrição dos procedimentos – fazendo uma pesquisa acadêmica

Na seção anterior, já abordamos as motivações teóricas e práticas para a realização dessa pesquisa, bem como indicamos o corpus que a constituiu. Nessa seção, definiremos as características dessa pesquisa, com a exposição das perguntas que a nortearam.

3.1 Tema do projeto

Observação da constituição e realização teórico-metodológica de alguns livros didáticos de Italiano para estrangeiros a partir da sua organização quanto à metodologia utilizada, nomeadamente “Comunicativa” (RICHARDS 2006; ALMEIDA FILHO, 2010; BORNETTO, 1998) e da sua representação de língua (BAKHTIN, 2011, MAINGUENEAU, 2002). Investigação do papel do livro didático no ensino de LE com base nos estudos de Richards e Rodgers (2006), Cristóvão e Dias (2009), Tilio (2006) e Villaça (2009), e uma análise crítica (BIRAL, 2000) sobre a elaboração e utilização de livros didáticos para o ensino de línguas, partindo do papel central do livro didático para o ensino de línguas.

3.2 Problematização

Feita a introdução e a justificativa da pesquisa realizada, realizamos uma discussão teórica que pudesse fundamentá-la. Por adequação ao espaço deste texto, não traremos aos leitores a fundamentação teórica, deixando a indicação para que os interessados possam obtê-la, na íntegra, no texto original da pesquisa.

Apresentado o seu tema e também considerando a sua relevância e motivação, foi necessário que diferentes perguntas fossem levantadas, explicitando o que, nesse trabalho, buscamos responder no decorrer da pesquisa.

Dessa forma, nossas perguntas de pesquisa foram:

1. De que maneira se constroem alguns livros didáticos de língua italiana para estrangeiros que se intitulam comunicativos, a saber *Chiaro! A1, Domani 1 e Nuovo Espresso 1*?
2. De que modo a língua é representada e entendida nesses livros didáticos?
3. Percebemos que é possível identificar uma nova “teoria comunicativa” sendo utilizada. De que modo ela pode modificar o processo de ensino-aprendizagem?

3.3 Definição da pesquisa

Foi necessário, ainda, definir as características essenciais da pesquisa, de forma a situar os leitores e estabelecer a forma como os dados seriam vistos, coletados, interpretados e analisados.

Em primeiro lugar, definimos a pesquisa como sendo *qualitativa*. Segundo Santade (2014, p.

99), “a pesquisa qualitativa define-se como um estudo não estatístico, que identifica e analisa, de forma acurada, dados de difícil mensuração”, tratando o objeto de forma subjetiva e interpretando-o com base não em estatísticas, tabelas e gráficos, mas em análises de cunho interpretativo, efetivadas por um pesquisador-observador (ou um professor-pesquisador, pelas palavras de Bortoni-Ricardo [2008]). Tal postulado epistemológico se opõe a um outro, quantitativo, que “faz uso intenso de técnicas estatísticas, correlacionando as variáveis e verificando o impacto e a validade do experimento” (SANTADE, 2014, p.98), tendo como uma de suas principais características a “descrição dos significados considerados como inerentes a objetos, atos e fatos” (ibid).

Pesquisas qualitativas vêm sendo aplicadas nas ciências da linguagem há algumas décadas, posto que novas concepções e necessidades de pesquisa demandam novas formas de investigação e procedimentos metodológicos. Tais mudanças foram fundamentais, possibilitando o entendimento de questões que, até então, não eram possíveis sob um prisma positivista¹ – de caráter dedutivo² e subserviente a uma ideia de “observação e interpretação da realidade”, seja lá o que se entenda como “realidade”.

Assim, nossa opção científica para definição da pesquisa foi a de conduzi-la como uma pesquisa qualitativa, indutiva³, de forma a proporcionar “compreensão dentro da ambiência⁴ segundo os passos de uma observação científica” (ibid, p. 99

Cassel e Symon (1994 apud SANTADE, 2014, p. 100)⁵ definem algumas das linhas gerais de uma pesquisa qualitativa. São elas:

- a) Um foco na interpretação ao invés de na quantificação: geralmente o pesquisador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes têm da situação sob o estudo;
- b) Ênfase na subjetividade ao invés de na objetividade: aqui se aceita que a busca de objetividade é um tanto quanto inadequada, já que o foco de interesse é justamente a perspectiva dos participantes;
- c) Flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa: o pesquisador trabalha com situações complexas que não permitem a definição exata e a priori dos caminhos que a pesquisa irá seguir;
- d) Orientação para o processo e não para o resultado: a ênfase está no entendimento

¹ “De acordo com o paradigma positivista, a realidade é apreendida por meio da observação empírica” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 14)

² Processo pelo qual, a partir de premissas gerais (e recorrentes), é possível chegar a proposições particulares. De um resultado geral, chegamos a uma observação individual.

³ Processo pelo qual, a partir de observações particulares, é possível teorizar sobre premissas gerais. De uma observação individual, chegamos a um resultado geral.

⁴ Segundo o dicionário online Michaelis (<http://goo.gl/29aZKz>), é o “Conjunto de condições morais que cercam uma pessoa e nela podem influir”. Já para o dicionário online Priberam (<https://goo.gl/gSHIWs>), é “o meio físico ou moral que nos rodeia” (acessos em 30/11/2015 as 18:25h)

⁵ Na impossibilidade de ter acesso ao livro original, excepcionalmente, utilizaremos a citação a partir de Santade (2014).

de um processo dinâmico e não num objetivo pré-determinado e estanque, como na pesquisa quantitativa;

e) Preocupação com o contexto, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência;

f) Reconhecimento do impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa: admite-se que o pesquisador exerça influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado.

Por fim, esse postulado epistemológico para as pesquisas exige que os pesquisadores sejam flexíveis e suscetíveis a mudanças (teóricas, metodológicas e epistemológicas, principalmente), sendo ainda observadores atentos de seus objetos investigados, entendendo por fim que “*nada na pesquisa é estanque*” (SANTADE, 2014, p. 109) e que “*a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos inseridos em um contexto*” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34)

Ao mesmo tempo, as análises dessa pesquisa foram feitas a partir de um paradigma *interpretativista* de pesquisa. Dessa forma,

Segundo o paradigma interpretativista, surgido como uma alternativa ao positivismo, não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32)

O foco de uma pesquisa qualitativa-interpretativista está, por assim dizer, no sentido, na interpretação que o pesquisador faz de seus dados. Importam aqui não os números absolutos, as generalizações e as porcentagens, mas as interpretações, as “leituras” do pesquisador de seus dados. “*A pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações*” (ibid, p. 42). Entendemos ainda que, implicado no processo de análise, o pesquisador somente pode apreender com profundidade as informações dos contextos sócio-culturais em que se insere – daí a necessidade de essa pesquisa ser realizada, antes de tudo, por professores-pesquisadores (BORTONI-RICARDO, 2008).

Ao mesmo tempo, embora essa pesquisa não tenha sido de cunho quantitativo, foi necessário, ao longo das análises, nos valer de determinados procedimentos desse paradigma de pesquisa, como as tabelas, gráficos e porcentagens. A fim de melhor interpretar – de forma qualitativa – os dados de que dispomos, conjugamos os dois paradigmas, de forma a enriquecer nosso entendimento. O postulado quantitativo entrou, portanto, como um suporte ao qualitativo, naquelas ferramentas que puderam ajudar este a ser melhor realizado.

Santade (2014) demonstra como uma inter-relação entre os dois paradigmas de pesquisa, quantitativo e qualitativo, podem ser realizados, sendo ainda proveitosos para o processo de investigação. Segundo a autora:

a) As duas metodologias não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto;

b) Uma pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado em toda sua complexidade, através de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa;

c) A descrição e entendimento de realidades variadas, de forma subjetiva e complexa, pode ser verificada através do estabelecimento de fatos e da observação numérica.

d) Uma análise interpretativa e descritiva de determinado fenômeno pode ser empreendida com base no desenvolvimento de estatísticas e de questões quantitativas (SANTADE, 2014, p. 101-102, adap)

Nossa opção por empreender uma pesquisa qualitativa e interpretativista, com uso de algumas ferramentas quantitativas, deu-se por conta de nossa experiência e do corpus que constitui essa pesquisa. Ao entendermos que, enquanto professores, somos pesquisadores e enquanto pesquisadores, somos ativos no processo de pesquisa, pareceu-nos necessário e justo tal escolha. Não nos seria possível analisar livros didáticos de ensino de línguas baseados apenas em porcentagens e números absolutos, posto que as atividades e os dados demandavam uma interpretação subjetiva, própria de quem conhece o que investiga. Ao mesmo tempo, não nos valer dessas ferramentas seria prejudicial, posto que cooperam para a interpretação subjetiva que fazemos. Chegamos assim, portanto, à definição dessa pesquisa e das ferramentas das quais nos valem para realizá-la.

3.4 Coleta de dados

Para a coleta de dados, optamos por, em cada livro didático analisado (*Chiaro! At, Domani 1 e Nuovo Espresso 1*), observar a apresentação do livro feita pelos seus autores e o índice do sumário, com a exposição do conteúdo das UD's. Além disso, optamos por escolher a primeira UD de cada livro analisado, por entender que ela é a “porta de entrada” dos alunos para o material, representando, via de regra, o primeiro contato dos alunos com o material em questão e, em escala maior, por vezes, com a própria língua estudada. Dessa forma, a coleta dos dados deu-se com o conjunto desses três elementos: apresentação do livro, índice das UD's e uma UD completa, a primeira. Para confronto, aprofundamento e triangulação de dados⁶, foi ainda acrescentado o corpus descrito como “adicional”. Ressaltamos porém que esse outro corpus não foi objeto principal da análise desse trabalho, mas serviu como contraponto para uma leitura mais relevante dos dados. Foram, portanto, apoio, não base. Acreditamos que esses dados coletados foram o suficiente para que as análises dessa pesquisa pudessem ser feitas e que, dessa forma, fossem respondidas nossas perguntas iniciais de pesquisa. Ao fim da pesquisa, confirmamos nossa hipótese inicial.

3.4.1 Critérios de análise

Após leitura e confronto de critérios elencados por outros autores⁷ no contexto de LE, optamos por utilizar os critérios expostos por Biral (2000). Tal escolha se deu pois, além de a auto-

6 “recurso de análise que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de confirmar ou desconfirmar uma asserção” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 61)

7 Como por exemplo, os critérios de DIAS (2009), VILAÇA (2010) e TILIO (2006; 2012)

ra escrever em contexto específico da língua italiana (ao contrário dos outros autores, todos no contexto da língua inglesa), os critérios por ela elencados poderiam ser utilizados para os corpus mencionados. Uma vez que determinados critérios propostos por outros autores não apareciam inicialmente no corpus analisado, não nos pareceu factível analisar nosso corpus a partir de pontos/temas que ele não se propôs a ter/abordar.⁸

Isso posto, dentre os critérios propostos por Biral (2000), por delimitação de tempo que uma pesquisa de mestrado nos coloca, optamos por elencar apenas aqueles que atendessem a dois critérios: (i) fossem diretamente relacionados ao corpus e (ii) fossem factíveis, de acordo com o tempo disponível. Dessa forma, são propostos os seguintes critérios pela autora (2000, p. 258-263), aqui elencados em tópicos:

- Destinatário/Língua Materna
- Conhecimento do Italiano
- Gráfica
- Instrução
- Abordagem
- Metodologia
- Objetivos
- Cultura
- Input
- Textos
- Compreensão auditiva
- Orientação inicial
- Compreensão oral
- Produção oral
- Atividades de Compreensão
- Produção escrita
- Gramática
- Léxico/Vocabulário
- Fonologia
- Modalidades de trabalho
- Material extra
- Eficácia

Todos as proposições de Biral poderiam ser analisadas nessa pesquisa. Entretanto, a partir

⁸ Para um exemplo a esse respeito, os critérios de TILIO (2012) não foram utilizados por abordarem questões como ideologia, multiletramentos e gênero e sexualidade, dentre outros.

dos tópicos elencados e seguindo nossos critérios de escolha, foram abordados os seguintes critérios, ora resumidos:

- **Abordagem:** análise da abordagem utilizada, da oferta de atividades que sejam condizentes com a abordagem, da autenticidade dos textos/gêneros discursivos e das situações comunicativas, dentre outros.

- **Objetivos:** análise da existência de explicações explícitas para o conteúdo trabalhado, de forma a servir como orientação.

- **Compreensão auditiva; compreensão oral; produção escrita; produção oral:** investigação das atividades envolvendo as quatro habilidades básicas⁹, observando a sua organização, frequência, complexidade e efetivação.

- **Gramática:** foco dado às atividades gramaticais

- **Modalidades de trabalho:** diferença entre as atividades, preocupação com situações reais de comunicação, interação e inserção social

- **Material extra:** observação das atividades que compõem o livro, como o caderno de exercícios e o manual do professor.

3.4.1.1 Análise dos dados

A análise dos dados deu-se a partir dos teóricos utilizados na fundamentação da pesquisa e dos critérios estabelecidos na seção anterior. Sendo assim, partimos do recorte já exposto acerca do corpus e, em confronto com os critérios estabelecidos, efetuamos a análise. Como forma de complementar as análises ou triangular os dados, foram utilizados outros materiais, que compuseram nosso corpus adicional.

Descrevemos, portanto, os procedimentos metodológicos que foram realizados para que a pesquisa fosse realizada. Na seção seguinte, indicaremos uma das análises que realizamos, a fim de que possamos exemplificar a maneira como elas foram feitas.

4. Análise do corpus – o que fazer com a metodologia?

O livro *Chiaro A1* apresenta, em sua primeira unidade, na atividade 2, alínea (a) (figura 1), uma indicação de que essa atividade é uma que deve “trabalhar com o léxico”. É proposto que os alunos associem uma lista de palavras a uma lista de imagens, fazendo referências a “coisas da Itália”, como vinho, massa, ópera e museu – áreas em que, de fato, a Itália se destaca e é reconhecida mundialmente: cultura e culinária. É apresentada ainda a imagem de um mercado, de um trem e de uma estação – elementos facilmente encontráveis em qualquer outro país e que não representam, necessariamente, “coisas da Itália” – como o nome da atividade sugere.

2 Cose d'Italia LAVORARE CON IL LESSICO

a Associa le parole alle immagini.
Poi verifica i tuoi risultati con alcuni compagni.

<input type="checkbox"/> pasta	<input type="checkbox"/> museo	<input type="checkbox"/> mercato	<input type="checkbox"/> mare
<input type="checkbox"/> gelato	<input type="checkbox"/> stazione	<input type="checkbox"/> macchina	<input type="checkbox"/> opera
<input type="checkbox"/> vino	<input type="checkbox"/> piazza	<input type="checkbox"/> treno	<input type="checkbox"/> albergo



Figura 1

Já na alínea (b) (figura 2), a ação deve ser dividir as palavras da seção (a) em quatro colunas diferentes: comida e bebida, transportes, tempo livre e férias. Para os alunos, diferenciar o que é possível fazer no tempo livre e nas férias pode ser uma tarefa difícil, uma vez que “ir à praia” pode ser uma tarefa a ser realizada tanto nas férias como em um tempo livre, bem como visitar um museu, por exemplo.

b Ordina le parole del punto 2a nelle categorie qui sotto.

cibo e bevande	trasporti	tempo libero	vacanze

Figura 2

Por fim, na alínea (c) (figura 3), os alunos devem escolher um colega de classe e discutir entre si quais outras palavras italianas conhecem, fazendo uma lista e organizando-as por categoria.

c Lavora con alcuni compagni. Quali altre parole italiane conoscete? Fate una lista di parole, poi provate a ordinarle per categoria.

Figura 3

Identificamos aqui que as atividades propostas não podem ser ditas como sendo pertencentes a uma Abordagem Comunicativa, já que elas representariam apenas uma recordação de palavras de forma descontextualizada, com uma posterior divisão delas em grupos. Da forma como é exposta, a atividade se assemelha ao Método Gramática e Tradução (RICHARDS e RODGERS, 2003; p. 13-16).

A atividade descrita termina exatamente antes de onde deveria começar: uma abordagem que integrasse os alunos e as habilidades necessárias para utilizar a língua de forma nocional em uma cena enunciativa (MAINGUENEAU, 2002), contextualizada e significativa para uma prática social efetiva.

Dito de outro modo, a atividade não pode ser dita como sendo uma atividade pertencente aos pressupostos da Abordagem Comunicativa, pois ela não se apresenta desta maneira. Como dissemos na motivação da pesquisa, se nos permitem assim colocar, o material “diz que faz uma coisa quando, na realidade, faz outra”. Dessa maneira, percebemos que, apesar de utilizarem a terminologia “comunicativo” para a definição dos materiais, eles não o são exatamente comunicativos. Decorre disso que, a princípio, os materiais se definem de uma forma que não são.

5. Considerações finais

“É exatamente no pesquisar, ao procurar respostas para suas indagações e no questionar, *que o homem desenvolve o seu processo de diálogo crítico*” (SIQUEIRA et alli, 2008, p. 15). Aqui, demonstramos como uma inquietação inicial com o uso de alguns LD pode transforma-se, posteriormente, em uma pesquisa acadêmica a nível de mestrado.

Para tanto, expusemos brevemente os procedimentos, escolhas e motivações que foram necessários para que a pesquisa fosse realizada, indicando ainda uma exemplificação de como as análises foram realizadas. Buscamos não apenas indicar a maneira “teórica” como procedemos, mas também indicar a maneira “prática” de como realizamos a pesquisa.

Cabe observar ainda que as análises iniciais que fizemos dizem respeito apenas a um recorte dos livros – que pode, naturalmente, não representar efetivamente os materiais. Quer assim pensemos ou não, de fato, as primeiras unidades dos livros representam a porta de entrada dos alunos no estudo da língua, seu primeiro contato (presumido) com a nova língua que devem aprender.

Esperamos com essa pesquisa que outros professores-pesquisadores sejam motivados a aprofundar ainda mais as discussões que tivemos. Acreditamos que não propomos aqui um caminho único, exato e perfeito a ser trilhado, mas um dentre os possíveis caminhos, uma dentre as possíveis formas de entender o percurso que se coloca para nós.

6. Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, José C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 6ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2010

_____. *Linguística Aplicada - ensino de língua e comunicação*. Campinas: Pontes e Arte Língua, 2007

ALVES, Maria Lucilene Moreira. *Abordagens de ensino-aprendizagem em manuais de italiano LE*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Letras Neolatinas da UFRJ em 2014

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

CASINI, M. C; Sergio Romanelli . *Italianistica in Brasile: ricerca di prospettive e prospettive di ricerca*. In.It, v. 27, p. 16-21, 2011

CRISTOVÃO, Vera L. L.; DIAS, Reinildes. (Org.). *O livro didático de línguas estrangeira: múltiplas perspectivas*. ied. Campinas: Mercado de Letras, 2009

DIAS, Reinildes. *Crítérios para a avaliação do livro didático (LD) de língua estrangeira (LE)*. In: CRISTOVÃO, Vera L. L.; DIAS, Reinildes. (Org.). *O livro didático de línguas estrangeira: múltiplas perspectivas*. ied. Campinas: Mercado de Letras, 2009

KUMARAVADIVELU, B. *Understanding language teaching: from method to postmethod*. ESL & Applied Linguistics Professional Series. New Jersey, 2006

MARTINEZ, Pierre. *Didática de línguas estrangeiras*. São Paulo: Parábola editorial, 2009

MELERO ABADÍA, P. (2000). *Métodos y enfoques en la enseñanza/aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013

RICHARDS, Jack C. *O ensino comunicativo de línguas*. São Paulo: SBS Editora, 2006

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. *Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas*. 2º edição Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SILVA, Renato Caixeta da. *Estudos recentes em linguística aplicada no Brasil a respeito de livros didáticos de língua estrangeira*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA). vol.10 Nº.1 Belo Horizonte, 2010

SIQUEIRA, Fabio; KARMEYER-MERTENS, Roberto; FUMANGA, Mario; BENEVENTO, Cláudia. *Como elaborar projeto de pesquisa: linguagem e método*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

TILIO, R. C. *O livro didático de inglês em uma abordagem sócio-discursiva: culturas, identidades e pós-modernidade*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006

_____. *O papel do livro didático no ensino de língua estrangeira*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, v. VII, p. 117-144, 2008

_____. *The role of coursebooks in language teaching*. In: IARTEM BRASIL 2012 - International Association for Research on Textbooks and Educational Media, 2013, Curitiba. Desafios para a superação das desigualdades sociais: o papel dos manuais didáticos e das mídias educativas. Curitiba: NPPD, UFPR, 2012. v. 1. p. 462-470

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. *A Elaboração de Livros didáticos de Línguas Estrangeiras: Autoria, Princípios e Abordagens*. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. XVI, p. 51-60, 2012

_____. *Livros didáticos de língua estrangeira: aspectos de análise, avaliação e adaptação*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, VIII, número XXXII, jan-mar 2010

_____. *O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades papéis*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, VIII, número XXX, jul-set 2009

_____. *Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, VIII, número XXVI, jul-set 2008

Currículo do autor

Doutorando em Língua Portuguesa pela UERJ e em Letras Neolatinas - opção língua italiana - pela UFRJ. Mestre em Letras Neolatinas pela UFRJ. Formado em Letras Português/Italiano e especialista em Língua Italiana - Tradução, ambos pela UERJ. Atua nas áreas de Linguística, Linguística Aplicada, Língua Italiana e Língua Portuguesa. Atualmente é professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal Fluminense (IFF – RJ).

Contato: jeffersonpn@yahoo.com.br